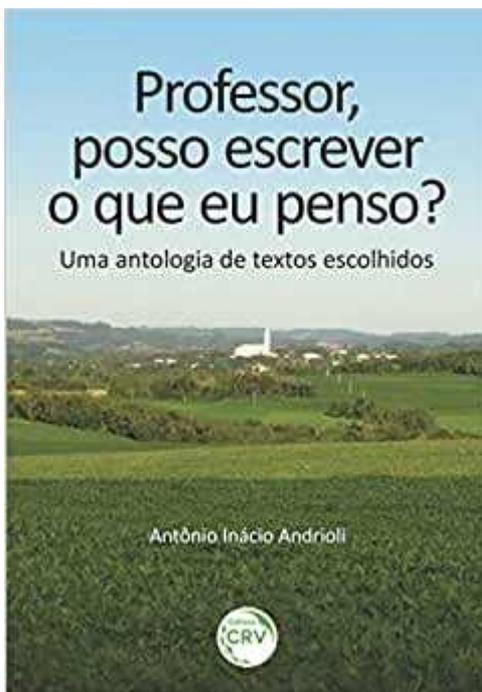


ANDRIOLI, Antônio Inácio. **Professor, posso escrever o que penso?:** uma antologia de textos escolhidos. Curitiba: CRV, 2021, 272p.

## PREFÁCIO

*“Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos. O problema é o seguinte: qual é o tipo histórico de conformismo, de homem-massa do qual fazemos parte?”*  
(Antônio Gramsci)



Prefaciador um livro é sempre uma oportunidade de aprender e de ser interpelado. Mas nem todos os livros nos colocam, de forma ao mesmo tempo simples, clara, original e densa, questões para pensar e agir sobre os dilemas e os desafios do tempo presente. Este livro de Antônio Inácio Andrioli tem essa rara e singular qualidade.

Com efeito, um exemplo de como se pode tratar de temas complexos e fundamentais para a vida humana de forma rigorosa e que possam ser compreendidos não apenas por especialistas, mas por trabalhadores do campo e da cidade, muitos dos quais,

em nosso País, apenas puderam completar o ensino fundamental. Todavia, isso não significa que não pensem e analisem. Um livro, portanto, que parte da mesma concepção de Antônio Gramsci de que todo o ser humano é filósofo ainda que nem todos exerçam esta profissão.

Trata-se de uma antologia de inventário existencial, intelectual e político que reflete a epígrafe deste prefácio. Da homenagem de despedida ao seu pai – no texto “Um homem da terra”, – aprendeu que “a injustiça não pode triunfar,” e que a terra “serve para produzir comida”. Isso define de “qual tipo histórico de conformismo, de homem-massa” Antônio Inácio Andrioli faz parte.

A questão com a qual se confrontou como professor ele mesmo a responde e, de imediato, nos indica que não se trata de algo óbvio e simples. Inicialmente, porque o ato de pensar difere do ato de escrever. O escrever implica depurar o pensar, buscar os termos adequados para permitir um entendimento correto daquilo que estamos expondo. Em segundo lugar, porque ambos têm implícita a necessidade da pergunta que nos interpela sobre o que não sabemos. É dentro desta perspectiva que, na leitura dos textos, pode-se perceber a concepção de ser humano, de conhecimento, de educação, de

natureza, de tecnologia e de práxis política que confrontam as formas de dominação, exploração e de alienação, social, econômica, política e cultural dominantes no atual momento histórico.

Ao definir sua identidade como um filho de pequenos agricultores, o autor demarca que eles são sujeitos detentores de cultura, de experiência e de conhecimentos de igual valor de qualquer outra atividade. Por outro lado, a trajetória intelectual, profissional e política do autor explicita de maneira emblemática que nenhum ser humano nasce pronto, mas produz-se na sociedade dentro de condições e circunstâncias objetivas e subjetivas. O pequeno agricultor tornou-se técnico agrícola, professor, mestre em educação, doutor em ciências econômicas e sociais, pós-doutor em sociologia e pesquisador em universidades brasileiras e europeias. Um camponês intelectual cidadão do mundo quem não se afasta dos temas rurais por ter compreendido o seu significado para a vida do planeta e, conseqüentemente, a vida humana.

No plano epistemológico, cada um dos temas se desenvolve dentro da perspectiva de que a parte só ganha compreensão diante das mediações e das determinações históricas da totalidade concreta que a constitui. Dos temas mais simples aos mais complexos, o que caracteriza a análise é a historicidade. Vale dizer, o conhecimento como processo, cujo desafio é de apreender a natureza das relações sociais e dos processos ou das leis da natureza. É por essa compreensão que Karl Marx e Friedrich Engels concluíram que podemos tratar a história sob duas formas: a dos seres humanos em sociedade ou da natureza, mas o que existe é uma só história; e a do ser humano. O ser humano é que

move as relações sociais e as relações dos seres humanos com a natureza. Uma história, portanto, em movimento, que exige um pensar em movimento.

Ao analisar os temas dos produtos transgênicos que modificam as sementes e dos agrotóxicos que envenenam o solo e a água, o autor nos mostra que a compreensão do seu pai de que a terra “serve para produzir comida”, valor de uso imperativo à vida humana, sob as relações capitalistas sociais, transformou-se em negócio para gerar lucro. Compreende-se, assim, porque o Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de alimentos do mundo e, ao mesmo tempo, o país em que milhões de pessoas se encontram em estado absoluto de pobreza e de fome.

No mesmo sentido, a tecnologia — que como valor de uso é a extensão de sentidos e de membros humanos, a possibilidade de reduzir o tempo de trabalho necessário para satisfazer as necessidades humanas e o fruir do tempo livre — sob as relações sociais de produção capitalistas, torna-se instrumento de exclusão, de desemprego, de sofrimento. Uma vez mais o Brasil é um exemplo perverso na medida em que o latifúndio e o agronegócio impedem a milhões de famílias o acesso à terra e oferecem à humanidade um alimento contaminado.

O filho de agricultor que se tornou professor desvela os processos de conhecimento e de educação que reproduzem e afirmam as relações sociais destrutivas de direitos e da natureza da qual somos parte inseparável. Um conhecimento que se diz neutro e uma educação que se mercantiliza e que se afirma no individualismo, na competição e na ideologia da meritocracia. Mas, ao mesmo tempo, mostra os processos

educativos que promovem a cooperação e a solidariedade e constroem sujeitos emancipados. A educação emancipadora e ambiental e a agroecologia formam os eixos para um projeto nacional popular de desenvolvimento sustentável.

Por fim, é um livro que reúne o pensar filosófico e a ação política como unidade do diverso. As ideias, o conhecimento e a educação que formam sujeitos emancipados são fundamentais no processo de construir novas relações sociais que concorrem para a superação do capitalismo, mas somente a ação prática ou a práxis é que, de fato, transforma. O vigor da antologia advém do fato que o autor expressa essa unidade. É de seu engajamento nas lutas dos movimentos sociais do campo, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, dos pequenos agricultores, das mulheres do campo, dos ribeirinhos e das comunidades indígenas, que organizou e dirigiu como Vice-Reitor a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Essa luta organizativa, cooperativa e solidária afirma a utopia do socialismo. Utopia cuja construção se manifesta concretamente nas diferentes lutas dos povos do campo e da cidade.

Um livro, em síntese, que nos convida a decifrar o que nos conduziu a um bloco de poder de extrema-direita, que destrói nossa sociedade pelo desprezo à vida, pela pedagogia do ódio, pela mercantilização e militarização da educação pública, pela degradação da natureza, pela descrença na ciência, pela violência contra os pobres e pelo culto à mentira como forma de governar. Mas, também um livro que nos diz que a história não para porque há luta. Uma obra, portanto, para ser lida, socializada e debatida por educadores de todos os níveis de ensino, pelas lideranças e membros dos movimentos sociais e culturais do campo e da cidade e pelas organizações científicas, políticas e sindicais. Uma ferramenta na batalha das ideias e na ação política que conduzam as massas populares, os filhos e filhas da classe trabalhadora, a adquirir os conhecimentos e a organização necessários para construir a efetiva emancipação humana. Trata-se de afirmar que outro mundo é possível e a humanidade não está condenada a viver sob o capitalismo.

**GAUDÊNCIO FRIGOTTO**

Rio de Janeiro, 13 de novembro de 2020.